REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

19.º Anno — XIX Volume — N.º 645

25 DE NOVEMBRO DE 1896

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe. e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Recebida pelos seus com o mais carinhoso enthusiasmo, como o merece a virtuosa rainha, uma das mais formosas do mundo, chegou a Lisboa a Senhora D. Amelia, de regresso de sua viagem á Austria, onde foi assistir ao casamento de seu irmão, o Duque d'Orléans.

Poz-se lindo o céo de Portugal para recebel-a. O sol d'este verão de S. Martinho tem uma luz dulcissima, um suavissimo calor.

Lisboa anima-se. Emquanto as ultimas folhas volteiam pelo ar, e vão guisalhando pelo chão as canções do outomno, começam pela Avenida apparecendo os primeiros vestidos de inverno, as modas recentes, os velludos, as altas golas, os grandes chapéos, plumas e pelles.

Um tempo delicioso.

Começarão brevemente a animar-se esses theatros.

Fala-se muito na companhia franceza que uma d'estas noites deve estreiar-se no theatro D. Amelia e para a qual foi aberta uma assignatura especial que foi concorridissima. Os jornaes veem cheios de reclamos. Diz-se ser excellente o grupo dos actores e é de primeira ordem o repertorio. Poderemos admirar as obras mais recentes do theatro francez ainda nossas desconhecidas e muitas outras que levarão ao theatro todos os amadores de boa litteratura e os curiosos de confrontos.

O theatro de S. Carlos só abrirá para fins de dezembro, dando a nota elegante ás noites de Lisboa.

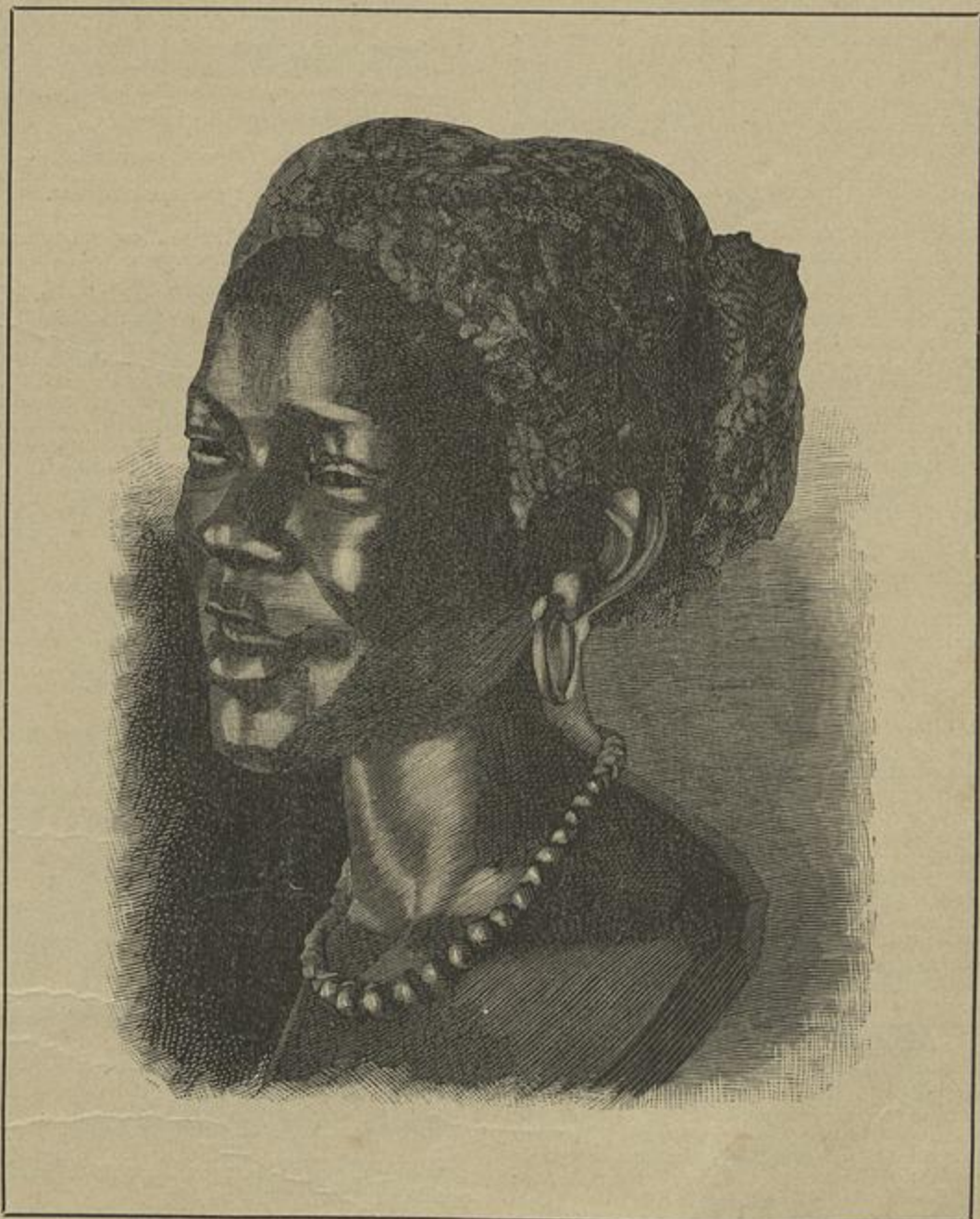
Entretanto já tivemos em theatro umas horas alegres, no dia do beneficio do Valle, que um grupo de rapazes seus amigos lhe promoveu no theatro D. Amelia. Tivemos ne'ssa noite occasião de ouvir, tocados pela Tuna Academica, os fados do Illidio Amado, um primoroso artista, estudante distincto, adorado com justiça pelos seus companheiros, um d'aquelles a quem por certo os estudantes de Lisboa mais devem pela sympathia que a todos inspiram com sua solidariedade.

N'esse mesmo theatro recebeu Sanches de Miranda, um dos nossos heroes de Africa na campanha contra o Gungunhana, uma das mais enthusiasticas ovações que se ha feito a quantos nos fizeram vibrar nossas almas de patriotas. O nome que acabo de escrever foi um dos que mais celebres se tornaram pelo esforço, pela coragem, pelo denodo, n'essa serie de combates contra inimigos crueis, contra as intemperies, as fomes e as doenças.

Bastará ler o relatorio de Mousinho de Albuquerque para vermos como Sanches de Miranda soube sálientar-se ao lado do heroico major, n'esse ultimo acto de assombroso heroismo, que terminou a guerra ao sul das nossas possessões na Africa oriental. O valente militar a quem, ha pouco, a capital do reino mostrou em doidas ovações sua gratidão, foi um dos poucos companheiros de Mousinho, quando este poz em pratica o plano audacioso de aprisionar o Gungunhana em Chaimite.

Tendo já, como estudante e nos seus annos de tirocinio no reino, dado provas do seu arrojo por forma a merecer a confiança de todos os seus camaradas, foi por sua espontanea vontade que partiu para a guerra de Lourenço Marques, depois de muitas insistencias junto do ministro, já com o fito posto no acto heroico, compartilhando o sonho de Mousinho, que em Lisboa asseverava ter a certeza de aprisionar o famoso regulo por muitos julgado invencivel, se lhe dessem o esquadrão de cavallaria que julgava indispensavel para seu proposito. Não poude finalmente leval-o, mas nem por isso o Gungunhana deixa a estas horas de estar no castello de Angra, saudoso do seu poderio, de suas mulheres, de sua riqueza, das boas sestas com sonhos alcoolicos, e de seus barbaros batuques.

Emquanto Lisboa preparava maneira de receber condignamente o valente companheiro de Mousinho de Albuquerque, um outro heroe das

BELLAS-ARTES

BUSTO EM BRONZE

ESCULPTURA DA EX.ma SR.a DUQUEZA DE PALMELLA

TENENTE SANCHES DE MIRANDA

guerras de além mar, o capitão Paiva Couceiro, que, quanta vez nas charnecas de Africa haveria pensado saudosamente na tranquillidade d'um lar na patria, realisava seus sonhos de ventura, escolhendo para esposa uma das mais nobres, sympathicas, virtuosas e intelligentes senhoras da primeira sociedade portugueza.

Foi uma festa digna da noiva, a sr.ª D. Julia de Noronha, filha dos condes de Paraty, digna do noivo, cujo nome se acha eternisado nas memorias das ultimas campanhas africanas em paginas gloriosissimas da nossa historia, que brilham intensamente ao lado das de João de Barros e de Diogo do Conto e que inspiraram tantissimas estrophes dos *Lusiadas*.

Foi em meio d'estas alegrias com que uma boa fada nos tem querido visitar que um triste boato correu em Lisboa sobresaltando os corações. Más atoardas correram inventadas, — quem sabe? — pela malvadez, a que a estupidez foi accrescentando pontos.

Partira, ha tempos, do Tejo o *Pero d'Alemquer*, em que, para tirocinio, embarcaram os aspirantes que este anno acabaram o seu curso na Escóla Naval. Sem que para tal houvesse motivo, correu em Lisboa que o navio se havia perdido, que era morta toda a sua tripulação.

E' facil de suppôr como almas já sobresaltadas pela saudade creadora de pavorosas visões fôram cruelmente feridas pela barbaridade de tal mentira.

Más novas correm depressa; mentirosas mais velozes são.

Felizmente depressa veio o desmentido, mas, se algum receio havia ainda, se máos agoiros ainda faziam violentamente bater algum coração, o telegramma, ha pouco chegado da Bahia, onde a *Pero d'Alemquer* arribou, veio afinal socegal-o.

O navio dará com toda a felicidade sua volta ao mundo, e mães, paes, irmãos, dentro em menos de dois annos, poderão, doidos de contentes, finalmente tranquillos, abraçar, beijar, commovidos, aquelles que por essas aguas andam aprendendo a honrar o nome portuguez, que tão esquecido parecia andar nos fastos gloriosos e parece querer resurgir agora tão aureolado como d'antes.

Um paiz como o nosso que tem taes tradições e que por tal forma promette honral-as, não morre ás mãos de máos financeiros ou de onzeneiros villãos.

Está por pouco o terceiro centenario do descobrimento da India. Esse facto gloriosissimo da historia portugueza e um dos mais gloriosos na historia da humanidade, difficilmente poderia cahir em melhor época. Houve innegavelmente n'estes ultimos annos um renascimento de amor patrio. Algum bem nos havia de vir do insulto grosseiro da Inglaterra no dia onze de janeiro de 1890. Despertaram-o mais ainda os ultimos actos heroicos dos soldados portuguezes nos territorios de Lourenço Marques.

Para comprehendermos quanta virtude póde ser filha d'esse amor, nem careciamos d'este extraordinario exemplo que nos foi dado por um povo nosso irmão, tão irmão nosso pelos costumes, pela lingua, pelo mesmo céo que nos alumia, pelo enthusiasmo com que acolhe os sacrificios que serão cimento para cada vez mais solidificar os alicerces d'esse grande paiz que se chama a Hespanha.

Creio que os espiritos no actual momento em Portugal estão aptos para comprehender quanto o grande facto do descobrimento do caminho da India nos póde ainda hoje servir para mantermos a nossa nacionalidade, elle que foi motivo para a mais bella epopeia dos tempos modernos, escripta na lingua que ainda hoje falamos e que ella eternisou.

De varios poetas sabemos que inspirados no mesmo santo orgulho que deu a Camões a sonorosa tuba, puzeram mãos á obra patriotica de espalhar pelo mundo mais uma vez, ao fim de trez seculos, o facto gigante.

É já á venda *A Viagem da India* de Fernandes Costa, escripta em versos heroicos, impeccaveis, como elle os sabe fazer, bellos, como só o amor da patria, a grandeza do assumpto os podem inspirar.

Mostra-nos elle no canto primeiro, *A Ida*, as quatro caravelas deslisando pelo Oceano, as quaes

Vão em busca das Ilhas Encantadas
Onde dorme o divino Encantador.

Vão desapparecendo as estrellas do nosso hemispherio, aquellas que viram pasmados, n'um encanto, os olhos das creanças. Estrellas novas vão em cada noite surgindo do sul. Hoje um diamante, ámanhã um outro, sae das brumas a cruz austral.

E por todo o estrellado firmamento,
De cada estrella, esta pergunta cáe:
«Quem viu tal aventura, tal portento?
D'onde vem esta gente e aonde vae?

No emtanto, os rudes peitos temerarios,
Dentro das naves perguntando vão:
«Astros novos, propicios ou contrarios,
Estes astros do céo, que estrellas são?

E vão caminhando sempre para o fulgido oriente, cumprindo um acto heroico, um feito sem egual. Os marujos sobem aos mastros. Onde será o tal Cabo Tormentorio onde termina a africana costa?

Sempre ao Sul, sempre ao Sul, a estrada avança.
De cada lado della, o eterno escuro!
Estendeu-a no mar a mão da Esperança,
Na direcção da Gloria e do Futuro!

Entram finalmente nas paragens revoltosas

Onde, em furia, tres mares se combatem.

Ruge o temporal. Tremem as equipagens. Entretanto caminham sempre, mas

Em tal desesperar, que a Deus bradavam.
As almas lhes guardasse e não as vidas!

São longas as noites, o sol não brilha como o sol da patria. El os no extremo sul da costa africana, espantando o proprio Adamastor. Dobraram o Cabo. Esconde se-lhes o sol do lado da terra, ergue-se do mar a madrugada. Brevemente surgirá do mar a India que procuram, a nova Terra Santa!

No canto segundo, *A Volta*, descreve nos Fernandes Costa a entrada da barca d'oiro, Tejo acima:

E a barca do eterno Encantamento;
Vem das Ilhas do grande Encantador!

Veem n'ella

Os que viram no céo diversos astros;
Aquelles para quem o mar do Sul
Nos topes accendeu dos rijos mastros
Do Santelmo divino a chamma azul.

O amor da patria que anima o poeta inspi.a-lhe agora as melhores estrophes do poema.

Sonhados impossiveis conseguistes,
Vós, raça aventureira, omnipotente!
Se muito foi que a Portugal servistes,
Mais servistes, ainda, a extranha gente.

Pois da aguia, que os reis d'outr'ora viram,
Na terra inteira, as azas extendendo,
As aguias' d'hoje em dia, andam colhendo
As pennas, que das azas lhe cairam!

D'este povo o passado causa espanto!
O que teve! o que póde dividir!...
Cada um dos pedaços do seu manto
Dá hoje a um povo inteiro, que vestir!

As ultimas glorias portuguezas inspiram lhe esta quadra:

Ainda o mesmo genio em vos palpita,
O mesmo sangue em nossas veias corre;
Somos o rijo povo que não morre!
Pois, se morto parece, resuscita!

Fernandes Costa é poeta e é soldado.

E a raça que ascendeu a tal grandeza,
Não póde figurar entre as nações,
De mãos ligadas, amarrada e presa,
A columna das proprias tradições.

Desejariamos poder transcrever para esta chronica tantas quadras bellissimas de forma, quentes de enthusiasmo, vibrantes de altissima commoção; mas temos de fechal a. Fal o-hemos uma vez com chave d'oiro, que pediremos ainda ao poema de Fernandes Costa.

Lá vai a Barca-Sonho, rio em frente!
Pobre quem, dentro d'alma, não a vir!
Se leva a gloria do passado ingente,
Leva tambem a esperança no porvir!

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

BUSTO EM BRONZE

Pela ex.ma sr.a Duqueza de Palmella

Mais uma vez se honram as paginas do Occidente reproduzindo pela gravura uma obra d'arte da illustre senhora, que junta aos seus pergaminhos da mais nobre fidalguia os laureados titulos de uma artista consumada.

O busto que faz o assumpto da gravura da primeira pagina d'este numero, é mais um d'esses primorosos trabalhos sahidos do cinzel da sr.ª duqueza de Palmella, da auctora do busto de Santa Thereza de Jesus, do de Diogenes, do do glorioso marquez de Sá da Bandeira e outros que não nos occorrem n'este momento.

São todos obras d'arte de alto merecimento que affirmam o talento da artista e de todas ellas tem fallado estas paginas, reproduzindo-as em gravura.

O busto que hoje reproduzimos distingue-se pela firmeza com que está modelada aquella cabeça de preta, que assim no bronze, tem toda a verdade e sentimento, illudindo a ponto de parecer estar ali viva, com toda a viveza da sua raça e da sua mocidade.

Este busto foi fundido em Paris, e como se vê a fundição foi perfeita, não perdendo a agudeza da modelação com que sahiu das mãos da artista.

A sr.ª duqueza de Palmella honrando a fidalguia portugueza, de que é uma das figuras mais distinctas, honra tambem a arte nacional de que é uma cultora dilecta e gloriosa.

MUSICOS AMBULANTES

Não é raro vêr pelas nossas aldeias, em grupos interessantes e deveras curiosos para o estudo dos costumes, esses musicos ambulantes que vão cantando de terra em terra, repetindo, não tradicções heroicas e de epopeia como os antigos rapsodos, ou compondo de improviso sobre themas conhecidos, como os aldos gregos, cujo reportorio colligido passou de geração em geração até crystalisar na figura synthetica de Homero.

Não conhecemos em Portugal os canticos heroicos tradiccionaes, canções de gesta, como as tem a França e outros paizes, por isso encontramos apenas nos cantares dos nossos musicos ambulantes uns raros vestigios de tradicção que mal se revelam em historia rimada de reis e rainhas, ou em canções importadas do repertorio dos theatros mais em voga na capital.

São as operas comicas aqui representadas que fornecem as suas coplas para materia de canto de esses musicos que as estudam, e tiram da musica complexa a melodia com que procuram acompanhal-as.

D'ahi o não se poder hoje, em regra, achar nas composições, improvisos, apropositos ou canções decoradas dos nossos musicos ambulantes o tradiccionalismo que tão extranho lhes dá.

Os *Folk-Coristas* portuguezes, felizmente, tem explorado com maior intensidade o fundo popular, e já hoje se encontram nos cancioneiros algumas centenas de formosissimas quadras, delicadas composições anonymas cujo auctor pertencendo ao povo, se diz ser esse mesmo povo.

Algumas denunciam-se; e n'esta encantadora

quadra a mimosa aldeã enamorada poz todo o seu affecto nascente:

> Meu amôr, oh! meu amôr
> quanto tenho te daria,
> até a luz dos meus olhos,
> cega por ti andaria.

Não se pode dizer mais. Onde encontrar poema de maior delicadeza de mais rescendente egoismo? Não resistimos a segredar ao leitor esta outra quadra, sahida dos labios rubros de um mocetão pastor em madrigal galanteador á camponeza sua conversada:

> Guardei na mão um sorriso
> da tua bocca formosa
> O' depois, quando a abri
> 'stava toda côr de roza.

Quanto mimo n'esta graciosissima imagem!

Assim era, leitor, que antigamente improvisavam os nossos musicos ambulantes, que hoje cantam coplas de sentido malicioso, assim era, e hoje esses cantores nomadas, não lisongeam a imaginação popular referindo em verso assumptos sympathicos. Como uns são cegos e outros acompanham os primeiros, tocando violão ou rebeca, cantam a troco de qualquer pequena moeda que a caridade do povo lhes concede, e não movidos pelo sentimento lyrico, ou patriotico, que tanta celebridade deu ao aedo Pindaro e a outros da antiguidade grega.

Os musicos ambulantes são typos caracteristicos, e os ethenologos bem os apreciam. Aquelles que a nossa gravura representa são os cantores cegos e nomadas da Russia, tocando nos instrumentos por elles mais usados.

SANTA CATHARINA LEVADA PELOS ANJOS

Passa hoje o dia reservado pela Egreja para a commemoração de Santa Catharina de Monte Sinay a gloriosa martyr, que trocou os faustos da côrte com todos os commodos e explendores da riqueza, pela palma do martyrio dos defensores do christianismo no meio das sociedades pagãs.

Foi no meio de uma sociedade pagã que a gentil princeza, firme na sua crença, sustentou uma lucta heroica contra os herejes, pugnando pela Fé, combatendo com a palavra os sabios e doutores, sahiu triumphante e mais que triumphante convertendo á Fé os adversarios, convencidos pela sublimidade das suas palavras e admirados da clareza do seu entendimento em tão verdes annos.

Só a um espirito superior era permittida tão grande vantagem, e a joven princeza possuia effectivamente esse dote, recebido do Céu, mais valioso, sem duvida que os titulos de nobreza da terra.

Pagavam então bem caro os que sahiam a campo em defeza da Fé christã, e Catharina pagou com a vida deste mundo o arrojo das suas palavras de verdade em favor do christianismo.

Sujeitaram-na aos maiores tormentos, como a roda de navalhas com que dilaceraram as suas carnes, e nada a demoveu da sua fé christã, sendo por fim degolada.

Foi tão grande o seu martyrio que na gloriosa historia dos martyres elle se avantaja, e a poesia dos tempos creou em volta da santa martyr uma lenda prodigiosa. Essa lenda diz que Santa Catharina depois de morta foi levada para o Céo pelos anjos, e assim a representa o artista no quadro que hoje reproduzimos no OCCIDENTE, um dos quadros mais bellos que o christianismo tem inspirado aos pintores mysticos.

Capellas de S. Jeronymo e de Santo Christo na cerca dos Jeronymos

São duas reliquias por todos os motivos veneraveis e bem dignas de mensão especial

Occupa a primeira d'estas a parte mais alta da collina, que se eleva airosamente por detraz do convento.

D'ali se descobre um largo horisonte.

Para o norte as onduladas serranias que se desdobram verdejantes até irem confinar, lá ao longe, na penhascosa Cintra.

A leste, uma grande parte da extensa bacia do porto de Lisboa, a qual proseguindo para o poente, vem affagar a base da collina em que assenta a capella, enquandrando-se além, nas agricultadas elevações da margem esquerda, por detraz das quaes se erguem as cristas abruptas da poetica Arrabida.

Para o occaso a barra, o largo oceano esbatendo-se pouco a pouco até ir formar a tenue linha divisoria entre a agua e céu.

A capella, cujo estylo é puramente o manuelino, claramente nos demonstra, pelo tostado de suas cantarias, que muitos annos tem decorrido desde a sua construcção; e mesmo a sua forma, o seu tom geral, tudo nos indica esta edificação como contemporanea do monumento que vemos lá em baixo repousar indolentemente á beira do placido Tejo.

Seria esta a celebre ermida do Restello?

Seria, pelo menos, uma pertença do primitivo convento fundado pelo infante *navegador?*

Talvez, mas não ha documento que responda cathegoricamente a esta interrogação.

A sua architectura prova todavia, que, se não foi feita no tempo da construcção do mosteiro, foi pelo menos inteiramente renovada n'essa epoca. E renovação que não deixou traço algum da sua antiga forma.

A pequena edificação é copia fiel do estylo do mosteiro: os botareus ou gigantes terminando em corucheus conicos, os lavores das cantarias com os mesmos pittorescos entrelaçados, as espheras como principal adorno, os artezões da abobada, tudo emfim. Uma encantadora miniatura do grandioso monumento.

Como todas as egrejas d'esse tempo a sua orientação é oeste-leste.

Abre-se a porta para um pequenino adro, arruinado bastante, e seguidamente começa a ribanceira da collina que, para esse lado, é mais ingreme. A porta é inteiramente similhante a muitas outras do convento: — tem o arco abatido, os chanfres das hombreiras ornamentados com os enfeitos triviaes do estylo, a mesma forma nos capiteis dos fustes e nas bases.

Por cima da verga ostentam se as armas reaes encimadas pela corôa ducal, e uma esphera de cada lado.

E' pequena a porta mas perfeitamente proporcionada com toda aquella graciosa reducção architectónica.

Entremos.

Eis nos debaixo d'uma abobada, cuja forma, por ser já nossa conhecida, pouco nos desperta a attenção. São de cantaria os artezões, a abobada e todo o interior da capella.

Surprehende-nos, porém, o feitio do edificio, que tem seu tanto de singular.

Consta de dois corpos. O primeiro, que é o maior, terá 6 metros de comprimento, 4 de largura e uns 5 de altura. E' o corpo da egreja O segundo, para o qual se communica por uma larga entrada, quasi tão larga como elle proprio, será um terço do primeiro, inclusivamente na altura. E' uma especie de capella mór.

Por cima da porta que communica os dois corpos resta um pedaço de parede, de mais de 2 metros, e n'ella, como remate da dita porta, esta um relevo que representa um escudo com as insignias de S. Jeronymo.

E' trabalho de pouco esmero, como pouco esmerados são todos os outros lavôres da capella.

No recinto mais pequeno, e em frente da porta, devia estar um altar, de pedra, naturalmente, mas desappareceu.

Tambem é provavel que tivesse existido qualquer retabulo, mas nada d'isso escapou.

No corpo da entrada existem duas cavidadades pouco fundas, praticadas nas paredes lateraes, exactamente no seu extremo opposto á porta para o exterior, que chamam a attenção pela singularidade do seu feitio.

Abrem pela altura d'um homem e rasgam se até ao chão, sendo mais estreitos na porta superior. Evidentemente se conhece serem antigas, se bem que se encontram mascaradas com ornamentos modernos,

Seriam destinados para local dos banquetos d'altar? Mas para isso porque motivo não fôram abertos no corpo menor, aquelle em que este se encontrava?

A capella é allumiada por quatro frestas, duas em cada corpo, que lhe dão sufficiente claridade.

A parte exterior corresponde á interior: dois corpos unidos de tamanho e altura differentes, mas as paredes são de alvenaria.

Por cima estende-se um terraço que abrange, com mudança de nivel, os dois corpos da edificação.

Eis o que é a capellinha de S. Jeronymo.

Devia ter sido muito visitada e muito venerada pelos frades da communidade, não só pelo motivo religioso de ter por orago o instituidor da sua ordem, como pela belleza do sitio em que está assente, do qual se descobrem largos e risonhos horisontes.

Veneranda pela ancianidade que se revella em suas ennegrecidas cantarias, respeitavel pela tradicção historica que vivamente rememora, ascetica pela solidão em que jaz no alto d'esse morro, a capella de S. Jeronymo infunde no espirito do visitante um mixto de poesia e de respeito, de encanto e de recolhimento.

Immovel no cimo da sua eminencia, qual sentinella perdida d'um tempo que passou, de muito longe a descobre o nauta quando demanda a barra da capital, e muito antes de avistar a casaria da cidade se lhe apresenta a piedosa capellinha como a pedir-lhe uma prece de acção de graças para o ceu, e uma recordação gloriosa d'essas grandezas d'outr'ora de que o singelo eremiterio é pequeno mas solemne pregueiro.

* * *

Depois da extincção das ordens monasticas foi profanada a capella. Já não existiam os frades, que tanto prezariam aquelle retiro ermo e piedoso, e a mimosa edificação, sem haver o menor respeito pela sua caducidade, nem pela sua altissima significação religiosa e historica, foi convertida n'um deposito de charruas e outras alfaias agricolas. Agora serve de deposito do laboratorio agricola. Não ganhou na troca.

Em vez de charruas tem lá barrilinhos de vinho e azeite!

Em 1886 se lhe fizeram alguns reparos. Abriu-se-lhe uma porta para o exterior, heresia perfeitamente desnecessaria e construiu-se a escada exterior para o terraço.

Não sabemos de que fórma era a escada com que nos tempos anteriores se estabelecia communicação para esse delicioso mirante, mas a actual, toscamente feita de taboas alcatroadas, á laia de andaime de construcção, manda a verdade que se diga que é um verdadeiro menoscabo posto ali para ennodoar o gracioso e sugestivo monumento.

* * *

A capellinha de Santo Christo encontra-se a meia encosta do morro coroado pela capella que acabamos de descrever. Fica um pouco para leste. Vista por fóra ninguém suppõe o que seja.

Um pequeno cerrado de paredes vetustas sobresaindo no seu topo superior uma edificaçãosinha velha, de paredes ennegrecidas pelo tempo.

Eis o aspecto com que se nos apresenta.

As plantas viçosas que por sobre o muro espreitam para fóra, começam logo a dar um tom de vida e de agradavel pittoresco ao todo. Desde a cancella da entrada, que abre para o sul, nos começa a cobrir uma latada em que se espreguiçam os retorcidos troncos d'umas videiras annosas engrinaldadas agora por seus pampanos virentes.

Estende-se a latada, trepando com o declive do terreno, até ao extremo opposto do cerrado.

Á direita se nos depara uma pequenina horta, encantadora pela sua exiguidade e pelo contraste do seu viço com a solemnidade um tanto soturna e'aquelles muros negros que a rodeiam e da edificação citada que, pelo norte a limita.

A' esquerda está um muro que, depois de subirmos uns quatro degraus que se encontram em nossa frente, vemos ser um dos lados d'um tanque, cujas proporções avantajadas destôam completamente da pequenez de tudo mais que se nos depara.

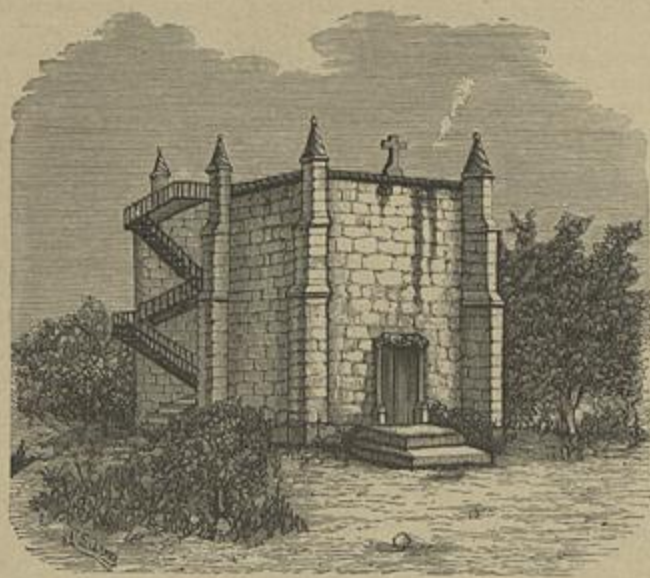
Era o primeiro posto ao ar livre, que encontravam as aguas das minas que abastecem a cerca.

O recinto é dividido em dois sucalcos ou taboleiros, para assim poder acompanhar a inclinação da ladeira em que está assente.

E' no taboleiro superior que se encontra a edificação enfarruscada que vimos de longe dominando o conjuncto.

Tirando oito corucheus de feitio extravagante, que sobresaem do tilhado, nada mais se vê de notavel n'essa casinha modesta. A sua porta aberta na direcção do poente, fica-nos á esquerda quando attingimos o nivel do segundo taboleiro.

Estende-se fronteira outra horta, egualmente exigua, mas como a primeira agradavel de viço e de encantos.

Entre o pequenino vergel e a edificação, existe um recintosinho ao centro do qual se vê uma banca de pedra rodeada de bancos de alvenaria ligados ás paredes que fecham o estreito espaço. Mas tudo isto accusa a maior velhice e o mais completo abandono.

CAPELLA DE S. JERONYMO
(*Croquis* do sr. J. Netto)

CAPELLA DO SANTO CHRISTO
(*Croquis* do sr. P. Guedes)

NA CERCA DO CONVENTO DOS JERONYMOS

Tufos de ortigas e serralha, irrompendo do solo e das fendas das paredes, servem de alfombro e de adorno áquella poetica estancia, e diga-se de passagem que não concorre pouco este desleixo pata tornar mais pittoresco e attrahente o piedoso retiro que ahi construiram os fieis para refrigerio da alma e satisfação do espirito nas tardes calmosas da quadra estival.

A sombra da latada que se emmaranha luxuriante sobre o pequenino recanto, o monotono correr da agua no largo tanque, que se estende logo abaixo, o sileneio morno do logar, tudo convida a um recolhimento suave e religioso, predispondo o espirito para a meditação e o corpo para o repouso.

Para esse recanto abre a porta da capellinha; uma porta modesta e simples, tendo apenas no chanfrado das hombreiras uns ornatos insignificantes, indicio fugitivo da architectura do monumento.

E' pequenissima. Cabem lá dentro pouco mais d'uma duzia de pessoas. Mas a sua fórma é tal qual a da capella de S. Jeronymo: dois corpos de grandeza e altura differentes, servindo o primeiro de corpo da egreja e o outro de capella-mór. N'aquelle se abrem duas frestas lateraes que illuminam escassamente a capellinha.

E' moderna a construcção e de extrema simplicidade. Paredes de alvenaria, e no tecto, que é de abobada, um artezoado, tambem de alvenaria, unico arremedo que ali se vê da architectura manuelina.

Profanada desde a sahida dos frades, a ermida está bastante desmantelada. O retabulo do altar cae a pedaços desfazendo-se em poeira de caruncho.

Comtudo houve ha poucos annos veleidades de restauração que patentemente se reconhecem. Mas tudo se resumiu a uma pintadella nas paredes interiores, a que se deu um fingimento de pedra, que as tornou muito similhantes a paredes de cozinha pobre; rematando por uma demão de amarello nos artezões e outra de azul no panno da abobada.

Um conjuncto pitalgado de côres vivas.

Mas não findou aqui a furia collorista do individuo a quem foi entregue aquella restauração: Para enfeite do pedaço de parede que fica superior á entrada para o corpo menor, lembrou-se o artista de lhe esparzir a laivos de zarcão reles o fingimento tosco d'um cortinado, copia de panno de bócca de theatro sertanejo.

Deus lhe perdôe a elle e a quem lhe consentiu os desconchavos, mais aquella heresia das muitas de que todo o edificio está conspurcado.

A capella tem á volta uma estreita facha de azulejos representando assumptos da vida de santos, e por baixo d'esta facha um degrau ou assento, todo forrado de azulejos em relevo, muito antigos e valiosos, que de certo ali foram postos ultimamente pelo pintor da cortina, para que tudo condissesse pela viveza das côres.

Tudo se filia na mesma concepção artistica.

Abandonada e solitaria a capellinha apresenta ao visitante um aspecto profundamente ascetico e devoto.

Devia ter servido aos religiosos da communidade dos Jeronymos de retiro piedoso das suas meditações mysticas.

Mas a geração actual, mais prosaica e mais despreoccupada de ascetismos, abandonou como coisa inutil o mimoso eremiterio.

Aproveitou-o sómente para arrecadação, maldizendo, talvez, a exiguidade do seu tamanho — por comportar pouca coisa.

Poetisou-o porém uma toutinegra, elegendo para local do seu ninho a concavidade pequenina da pia da agua benta.

Para condizer com o resto tem esse recepiente uma capacidade pouco maior que a metade d'uma laranja, e foi ahi dentro que a trinadora ávesinha construiu o leito avelludado da sua (prole) santificando-o assim pela austeridade do logar.

Ha muitos annos existe alli esse fôfo berço que todas as primaveras abriga uma geração de toutinegras, para depois se irem por esses ares em busca de clima mais dôce em que passem os rigores do inverno.

E de geração em geração tem passado este ninho, a nota mais encantadora de tão religioso e pittoresco retiro.

Cesar da Silva.

JACOME RATTON

I

Os heroes eponymicos não são completamente um mytho, porque se o fossem vêr-nos-hiamos por agora obrigados a dar uma designação falsa ao illustre industrial cuja memoria relembramos.

É-nos tão grato olhar para o passado e vêr com olhos de admirador a rara iniciativa de Jacome Ratton, que sentimos viva pena de haver nascido em época posterior.

A formosa cidade de Thomar deve-lhe o seu maior desenvolvimento. Os mil elogios que de tal sitio, tão proprio a todos os generos de industria, Ratton fez, incitou outros emprehendimentos, que elle bem merece ser tomado como o heroe eponymico da povoação nabantina. E no nosso fraco pensar, é a Jacome Ratton que a velha Nabancia deve maior gratidão, embora se ufane dos seus antigos fundadores que indiscutivelmente não produziram tão perduraveis riquezas á encantadora estancia.

A historia industrial portugueza tem no seu mais bello capitulo a resaltar brilhantemente a individualidade de Jacome Ratton.

Apaixonados pelos estudos historico-industriaes do nosso paiz, é com uma especie de veneração, quasi de joelhos, que tentamos fallar do grande trabalhador que adoptou Portugal por sua patria, dedicando-lhe toda a sua intelligencia, toda a sua singular iniciativa.

JACOME RATTON
(Copiado do livro «Recordações»)

Ha como que uma emoção profunda que nos tolhe ante tão subido prestimo, de cidadão de tão nobres qualidades que se enobreceu honrando a patria que adoptara e na qual ao fim da vida experimentou desgostos que não merecia.

Acompanhar de algumas linhas despretenciosas o retrato do celebre industrial do seculo XVIII, é o intuito d'este nosso artigo; porque, em verdade, nada podemos adiantar ao que se lê nas suas curiosissimas *Recordações* e ao artigo de Innocencio no seu *Diccionario Bibliographico*, que são os melhores elementos de que póde dispôr o biographo. Uns bellos artigos — *Homens Uteis* publicados no *Commercio de Portugal*, em dezembro de 1884 e mezes seguintes, bem como as palavras de José Liberato Freire de Carvalho no seu *Ensaio historico politico*, as indicações de José Accurcio das Neves nas suas *Noções Economicas*, etc., constituem subsidios valiosos que no exiguo espaço de que dispomos seria inopportuno considerar.

A esses livros remettemos o leitor curioso. Todavia não nos recusaremos a resumir aqui a biographia de Jacome Ratton.

II

E' directamente dás *Recordações* que respigámos os dados biographicos que ora apresentamos. O livro de Jacome Ratton fornece preciosos elementos para a historia industrial do seu seculo, e photographa admiravelmente o caracter do auctor.

Segundo a sua propria narração, Jacome Ratton nasceu em França, a 7 de julho de 1736, na villa de Monnestier de Briançon, na provincia do Delphinado, mais tarde departamento dos Alpes, filho unico de Jacome Ratton e Francisca Bellon, naturaes da mesma villa.

Pouco depois do nascimento de Jacome Ratton, vieram seus paes para Portugal, onde estabeleceram em Lisboa, de sociedade com um cunhado, uma casa de commercio.

Jacome Ratton só mais tarde, em 7 de maio de 1747, veiu para a companhia de seus paes, onde aprendeu o commercio, sendo admittido na sociedade mal contava dezesete annos. Em 1758, Jacome Ratton ficou, pela retirada de seus paes e tio, á testa do seu commercio.

Começou então a manifestar-se a sua grande actividade nos mais diversos e importantes ramos da industria. Foi elle o primeiro que em 1764 projectou em Portugal uma fabrica de chitas, de cujo projecto nasceram as muitas que depois se estabeleceram no reino; egualmente foi elle que entre nós projectou a primeira fabrica de papel que suscitou todas as outras que se fundaram no paiz, assim como estabeleceu duas fabricas de chapéos, uma em Lisboa e outra em Elvas. Em 1789, erigiu em Thomar a bella fabrica de fiação, eterno padrão da sua actividade, e ainda em 1806, principiava a estabelecer outra fabrica da mesma especie no Minho.

Mas não só na industria nacional promoveu o engrandecimento do paiz, mas tambem á agricultura dispensou grande parte do seu trabalho. As

MUSICOS AMBULANTES

suas propriedades de *Barroca d'Alva*, as importantes bemfeitorias que ahi fez, e ainda os esforços que envidou para animar a industria das sedas, creando um immenso viveiro de amoreiras brancas n'essas suas propriedades, para fornecer a direcção da Real fabrica que se obrigara a comprar-lhe dez mil pés, tendo lhe comprado tambem o Marquez de Pombal dois mil para a sua quinta de Oeiras; tudo isso dá plena ideia da sua infatigavel acção.

Foi em 1762, que Ratton se naturalisou portuguez sendo então pela lei o que já de ha tanto tempo era pelo coração, e digna se torna de ler a memoria que a tal respeito elle dirigiu á Convenção Nacional.

No anno de 1810, foi Jacome Ratton deportado para Angra do Heroismo, onde permaneceu algum tempo prezo, indo depois para Inglaterra e ahi escreveu as *Recordações*, a fim de levantar de si a suspeição de ser contra a segurança do Estado, calumnia esta que os nossos alliados inglezes então aproveitaram para o deportarem.

Não dão estes ligeiros topicos a menor ideia da accidentada vida de Jacome Ratton, mas basta pensar nos graves acontecimentos de que elle foi testemunha durante o lapso de sessenta e tres annos que esteve em Portugal, e do muito que trabalhou, das recompensas que obteve, e das intrigas de que foi victima, para se fazer justiça ao seu caracter e apreciar as suas obras.

Homens assim, como Jacome Ratton, são d'aquelles que bastaria um só cada seculo para pôr um paiz a caminhar a toda a força na senda do progresso, da riqueza e do trabalho.

Archivemos, pois, aqui o seu retrato, como já fizemos a Guilherme Stephens e outros industriaes, que tanto contribuiram para a riqueza de varias terras do reino em particular, e para honra e proveito do paiz, em geral.

Esteves Pereira.

HISTORIAS PORTUGUEZAS

Uma italiana, tres inglezes e a espada de Rouzangot

— Conte nos, major, a sua briga com os inglezes no theatro do Salitre. Deve ser interessante.

O velho official apontou para a sua panoplia e disse nos:

— Ainda alli está a espada: é aquella que tem as guardas amarellas. Uma bella e rija folha milaneza. Os inglezes eram então, como sempre o foram, uns alliados muito incommodos e pesados. Os marujos e os soldados — bebedos e brigões; os officiaes — orgulhosos e insolentes. Nas ruas provocavam, e espancavam, quando podiam, os cidadãos pacificos; nos theatros não era raro investirem com a porta dos camarotes, onde viam alguma belldade do seu gosto, gritando — senhora Maria! senhora Maria! De noite eram frequentes nas ruas as rixas, entre elles ou com os portuguezes, e as patrulhas da Guarda da Policia receberam ordem de não intervir em pendencia alguma, em que não entrassem os nacionaes. Chegara-se a isto, para evitar complicações e conflictos entre as auctoridades militares das duas nações. E a policia, a quem esta ordem aliviava grandemente o serviço, cumpria-a á risca, affastava-se do logar da contenda, e deixava correr o marfim, quero dizer o sangue inglez.

Uma noite estava eu no theatro do Salitre, quando me vieram dizer que no palco um official inglez requestava importunamente uma rapariga italiana, por quem eu me interessava. Accudi em defeza da dama, investi com o Lovelace bretão, e, empurrando-o, levei-o para o lado da praça, onde se corriam os toiros, para ahi nos explicarmos como soldados.

O empregado do theatro, cheio de medo, negou-se a abrir a porta, e a nossa pendencia ficou por alli; mas eu, voltando para o theatro e não vendo lá o inglez, pensei que era partida adiada para o fim do espectaculo. E assim foi.

D'ahi a pouco entrava na platéa o meu inglez, acompanhado por dois officiaes, tambem de cavallaria como elle. Eram fortes e arrogantes, e os tres encararam comigo com olhos de quem diz:

— Que grande tareia, que tu vaes apanhar!

A' saida, depois de me despedir da *diva*, tomei as minhas disposições de combate, preparei-me para o que désse e viesse. O capote que levava, transformei o em escudo, envolvi com elle o braço em tantas voltas quantas me deixassem livres os movimentos, e a espada desembainhei-a e escondi-a debaixo do capote.

Os inglezes tinham desapparecido da platéa antes de findar o espectaculo, mas, quando eu cheguei ao fim da calçada do Salitre, lá estavam á minha espera, e, apenas me viram, atravessaram-se na rua, que era estreita, tomando-me a passagem. Não aguardei que me atacassem, e prolongando-me com o que me ficava mais perto, atirei-lhe uma estocada baixa, que, por inesperada, lhe chegou.

A peleja tornou-se geral, e quanto durou a briga não sei, mas os golpes choviam sobre mim, e os meus tambem os procuravam. Valeram-me a minha agilidade, e as boas lições que recebera d'um mestre d'armas italiano e d'algumas das mais finas espadas dos francezes de Junot, porém ficaria morto, ou, pelo menos, gravemente ferido, se não fosse a defeza do capote com que eu cobrira o braço. Quasi todos os golpes que me jogaram, foram á cabeça, e alguns cortaram tres dobras, tal era a força com que eram mandados.

Elles eram tres, fortes e valentes, e em taes casos quasi sempre tem força de lei o famoso verso dos *Horacios* de Corneille. Um contra tres, é homem morto.

Seria talvez esse o fim da pendencia, se não fosse um auxiliar inesperado, que entrou em scena e fez debandar os inimigos.

Como eu conhecia de perto as instrucções dadas ás patrulhas da Guarda Real, a cuja cavallaria eu pertencia, não dei um grito, nem proferi uma unica palavra, que me denunciasse; outro tanto não fizeram elles, que gritavam como uns possessos. Estavamos pois no mais acceso da briga, quando interveiu o tal auxiliar, com que nem eu nem elles contavamos. Era um soldado de infanteria, dos que estavam no theatro, que assistira á pendencia, desconfiara da espera, e ficando para traz e reconhecendo-me, não se conteve e interveiu na rixa.

Um dos officiaes foi logo a terra com uma coronhada, e ficámos então dois para dois. A queda do inglez abriu como que um parenthesis n'aquelle discorrer dos ferros, ouviram se passos apressados e vozes d'outros inglezes, que accudiam ao rumor da peleja. Os companheiros do ferido voltaram-se para elle, para o levantar, e nós aproveitámos o ensejo, e desapparecemos do campo da batalha.

Estava salva a honra da farda, e nenhum de nós ficara ferido. Oiro sobre azul, como se costuma dizer.

A *diva* assistira, em trances, á refrega. Valente rapariga! Eu marcara-lhe outro itinerario, mas ella seguiu-me. Tinha os dentes cerrados, e tremia, convulsa e furiosa.

— *Cane inglese!* rugia a *poveretta*, apalpando-me, a ver se eu estava ferido. *Cane inglese!*

Escapo da embuscada, ainda eu corria outro perigo, era o de encontrarmos alguma patrulha, e por isso atravessámos em ordem dispersa o Rocio, e acolhemo-nos a uma escada, onde estivemos algum tempo. Recaíra tudo no mais completo silencio.

A *diva* morava alli perto, e foi para casa. Eu e o meu irmão d'armas fomos para o quartel.

Quando, de madrugada, as patrulhas recolheram do serviço, o arvorado d'uma participou que na calçada do Salitre houvera uma grande desordem, mas como fôra entre inglezes, não tinha, em virtude das ordens recebidas, tomado conhecimento d'ella, e só, mais tarde, passando pelo local, encontrara no chão vestigios do combate.

Como todos tinham egual interesse em o occultar, este recontro passou despercebido. O meu capote fil-o desapparecer e substitui o por outro.

Tempos depois via eu um dos inglezes passeiar no Rocio, coxeando: tinha apanhado um gilvaz n'uma perna. E vi-o muita vez. Coitado! Ficou com aquella lembrança de Lisboa. Na guerra nem tudo são victorias.

A minha espada não podia, desde essa noite, envergonhar-se de andar na minha companhia. Era um soberbo sabre afloretado, que me dera Rouzangot, um dos officiaes de Junot. Fizera com ella a campanha de Italia, sob as ordens de Bonaparte. Ainda me lembro do que elle me disse então:

— *Tenez, gardez-la. Elle a vu beaucoup de monde, et le monde aussi l'a vue.*

Era um gascão, alto e magro como D. Quichote, mas valente como as armas.

— Pareço um selvagem, — *je suis tatoué* — dizia-me elle, um dia, mostrando me as numerosas cicatrizes. Duas cruzavam-se lhe no peito.

— Esta é a *croix d'honneur!* Ganhei a no Egypto. Deram-m'a os mamelukos de Mourad-Bey, na batalha das Pyramides. Eu estava ás ordens de Lassalle. Que soberbos homens, que magnificos cavallos, e que bellas cutiladas!

3 setembro, 96.

Zacharias d'Aça.

FETOS NEGROS

Ao sr. José do Canto

Deixai lá fóra a triste envergadura,
o balofo exterior e a soberbia:
aqui, á luz do sol, em claro dia,
é preciso ter fé e alma pura.

O templo, é vasto; o sacerdote, augusto;
as columnas são fetos colossaes,
cujos troncos formosos, ideaes,
erguem ao ceu o vaporoso busto.

As orações, fluctuam nas ramadas;
o incenso sae da terra, e cada crente
curva os joelhos, n'uma prece ardente,
olhando, em face, essas negras fadas.

O' fetos, vossa mãe, a virgem santa,
— mais pura e mais pujante de belleza, —
é essa doce e casta natureza,
que minha debil voz agora canta!

Vós sois os exemplares peregrinos
d'essa regia mansão, onde a piedade
levantou um altar, preito á saudade
d'outra mais terna mãe. Ouvi os hymnos

que sobem, como incenso, aos pés de Deus.
Ide depois, giganteos vegetaes,
juntar as vossas trovas divinaes
aos cantos que se evolam para os Ceus.

Mendo Bem.

A BATALHA DE JASQUES

Excerpto do livro «Batalhas da India»

Declinava o dia 16 de dezembro, quando se avistaram ao mar tres navios, — duas naus e um patacho, — navegando de conserva, em direcção a Jasques.

Deu alarma o toque de uma corneta bastarda, na Capitanea, e rapidamente começou a caça, indo na dianteira a urca *Conceição*.

Marearam, fugindo, as tres embarcações suspeitas.

Como anoitecesse, a esquadra portugueza accendeu os pharoes, ao passo que ellas apagavam os seus e largavam um, sobre tábuas que lançavam ao mar, para illudir os perseguidores.

As naus eram a *Hart* e a *Eagle*, da esquadra do Capitão Shilling, que saíra de Inglaterra, como já disse, dois mezes antes de Ruy Freire partir de Lisboa, — em fevereiro de 1619[1].

O patacho, que era nosso, fôra por ellas apresado quando se dirigia de Diu para Ormuz.

Recolhendo a guarnição que lhe haviam lançado, os inglezes abandonaram-n'o, com a tripulação portugueza, e continuaram a fuga.

Por algum tempo, ainda, Ruy Freire proseguiu na caça por saber, ao menos, o rumo que os inimigos levavam.

Ao terminar o quarto de prima, a *Conceição*, prolongava-se com o patacho, fazendo-lhe dois tiros.

Amainava elle, e de bordo gritavam que só iam, lá, portuguezes.

Trazendo-o, virou a armada na volta da terra, retomando o ancoradouro.

Ruy Freire abasteceu o patacho, de agua, biscoito, e carnes, e mandou-o recolher a Ormuz.

Ficára sabendo que os inglezes estavam em Surrate, e contou com elles.

Os trankis, — os nossos terraquins, — espionavam a costa, como se fossem inoffensivas embarcações indigenas.

N'um d'elles andava o capitão Pedro Gomes de Azevedo, disfarçado em mouro, para menos sus-

[1] Em junho de 1620, Schilling estava ainda, na bahia do Saldanha — *Bay of Saldanha*, — no Cabo da Boa Esperança, onde se encontrava com Fitzherbert, do *Royal Exchange* e outros navios inglezes, e depois com uma esquadra hollandeza, com a qual negociava um accordo em 8 de julho, tendo, em 3 d'esse mez, proclamado, com Fitzherbert, a posse d'essa bahia em nome do Rei Jayme I. Ha dois diarios da esquadra de Shilling: um de 4 de fevereiro de 1620 a 7 de junho de 1622, do capitão Richard Swan, do *Roebuck*, e outro de 25 de março do primeiro anno a 13 de junho do segundo, de Archibald Jennison, a bordo do *London*. Dá-me estas indicações a *Press List* do Archivo da *India office* (ag. 1891). Parece haver equivôco no *Report on the India office records* do sr. Danvers, quando data de novembro o primeiro encontro da *Hart* e da *Eagle* com a esquadra portugueza (ps. 17 18). Póde ser que ellas saíssem de Surrate, n'aquelle mez, ainda. Mas em meado do seguinte, a 16, é que se avistaram com os nossos navios.

peitosamente poder approximar-se dos navios que encontrasse.

Em 25 de dezembro, quando a armada, empavezada, festejava o Natal, chegou, açodadamente, de Gaudel, o Pedro Gomes, no seu ligeiro terraquim, trazendo a nova de que se approximava uma forte esquadra ingleza de quatro naus e um patacho, tendo a capitanea 66 peças, a almiranta 58, a vice-almiranta 48 e o patacho 36.

Estes quatro navios eram a esquadra de Shilling: — a *London*, a *Hart*, a *Eagle*, o *Roebuck*—.

O quinto era uma nau portugueza, do capitão de Mascate, que elles tinham pilhado quando seguia para Chaul.

Pela tarde avistaram-se os inimigos, e feito o tiro de leva, a armada portugueza, largos os traquetes e as vélas de gavea, bolinou ao encontro.

Ruy Freire, na sua Capitanea, — o *S. Pedro*, — empavezada de vermelho, approximou-se da Capitanea ingleza, e mandando largar na quadra, a bandeira Real, firmou a com um tiro sem bala.

Respondeu-lhe, com tres, a nau.

Uma peça — «de pousa verga», — do *S. Pedro*, vomitou, então, da — «andaina» — ou bateria — «de baixo», — um pelouro — «de 30 libras», — que atravessou de lado a lado, a *London*, retorquindo esta com um balasio que veio cortar á nossa um cabo do estae grande.

Estavam feitos os cumprimentos.

A noite suspendeu o duello.

Colheram os inglezes as vélas, e o mesmo fizeram os nossos, fundeando — «a uma ancora».

N'um dos terraquins, Ruy Freire percorreu os seus navios, dando instrucções, recommendando que toda a gente se confessasse e commungasse, advertindo muita conta com o fogo, não se ateasse algum incendio.

No «regimento» que poucos mezes antes, á saida de Moçambique, elle deixára a Gonçalo da Silveira, ha preciosas indicações dos seus previdentes cuidados e da ordenança bellica do tempo.

Não resisto a recordar algumas.

Dizia elle:

— «Cartuxos leve Vossa Mercê feitos na mor quantidade, e balas enramadas, alcanzias a ponto, pés de cabra, e espeques ao longo das peças, e nas chileiras, balas communs. E por que não haja embaraço ao tempo da briga.... desde agora encommendará a guarda da polvora a quem haja de correr com os cartuxos e carga da artilheria. E para baixo da coberta vão sempre pessoas proprias: capellães, cirurgiões, e as mais, convenientes, e sempre é bom que os calafates andem na coberta, proximo á agua, reconhecendo o damno que faz o inimigo por dentro, para se accudir com o remedio que em taes casos têem por proprio, não se podendo por fóra com pranchadas e boiões, remedial-o com cobertores e godoris e toda a sorte de colchões... N'estes nossos navios grandes são de importancia as gaveas, pelo que forrando as de cabos velhos por fóra, e por dentro, de camas, ficarão assim guarnecidas com a gente que lhe metter para todo o bom effeito .. Advirto-o que no tempo das refregas é pratico usar de muita agua repartida em tinas, nos castellos, convez, toldas e cobertas, e porque com brevidade se accuda com ella mande ter feitos baldes e celhas bastantes, porque tambem se refresque a artilharia e lanadas.»

Naturalmente, a bordo da esquadra ingleza passou se a noite nos mesmos preparativos, menos, decerto, os da confissão devota, e Monox tendo conseguido communicar com Shilling, entregára-lhe oluxuo so chapéu que recebera de Ruy Freire.

Quando rompeu a manhã, na armada portugueza distribuiu-se o almoço, repartindo-se a gente pelas gaveas e pelos diversos postos, e a um tiro de peça, da Capitanea, romperam alegremente as charamellas, o toque da alvorada.

Depois, o som longo e imperioso de uma trombeta bastarda deu o signal de leva, e largaram, em ordem de batalha, todos os navios.

Abria a vanguarda o *S. Pedro*, — a Capitanea, — sempre empavezado de vermelho, com muitos — «estandartes, bandeiras, guiões e rabos de galo», — como se fosse para uma festa, desfraldando no tope do mastro grande — «a bandeira Real das Quinas», — e — «á quadra, outra, com a imagem de Nosso Senhor Jesus Christo Crucificado, estandarte de Portugal nas batalhas.»

Pela pôpa, seguia o patacho *S. Lourenço*, e a este a urca *Nossa Senhora da Conceição*.

A ré da urca navegava o *S. Martinho*, — o galeão Almirante, — com a bandeira real no traquete, e á quadra, outra, vermelha, — «do Santissimo Sacramento».

Com os mesmos movimentos e na mesma ordem — «com seus pavezes, estandartes e bandeiras, — avançava a esquadra ingleza, trazendo a Capitanea, no mastro grande, a bandeira Real — «com a cruz vermelha», — e á quadra outra, amarella, — «com as armas do general, — o capitão Shilling.

Christo contra Christo, e em terra os persas, os *mouros*, os descridos; o *pagode* reluzente, soberbo, espreitando, sarcasticamente, a scena.

A menos de — «tiro de mosquete» — as duas Capitaneas, ferradas as vélas grandes e estingadas mezenas e cevadeiras, prolongaram se, pairando.

— «Fazia sua grandeza no mar, duas grandes ilhas», — diz o Chronista.

Mar e gente pareciam suspensos, expectantes.

Fizera se um grande silencio.

A meio do convez do *S. Pedro* assomou então, corpo inteiro, Ruy Freire, vestido de chamalote encarnado, para que não dissessem que o não viam bem as balas inimigas, e trazendo na cabeça o barrete persa que lhe mandára Monox.

Tinha, junto, dois pagens: um trazia-lhe a espada e — «a rodela», — o pequeno escudo tradicional; o outro, um frasco de vinho e uma taça.

A meio da — «xareta» — da *London*, appareceu tambem o capitão Shilling, vestido de gran-vermelha, e com o chapéu de Ceylão, que Ruy Freire enviára ao feitor inglez.

Tambem um pagem sustentava, junto d'elle, um frasco e um copo.

Enchendo o copo, Shilling brindou ao capitão portuguez, e empunhando o seu, Ruy Freire, correspondeu lhe, primeiro, e bradou-lhe em seguida, que — «*amainasse por el-rei de Portugal*».

Retorquiu-lhe Shilling que — «*amainasse elle pelo rei de Inglaterra*» — e logo — «deram ambos com as taças no mar, um para a banda do outro.»

Ouviu-se então um apito, — «de baixo», — na Capitanea ingleza, e esta despejou sobre a nossa um bordo das suas 66 peças.

Estava prevista a hypothese.

O nosso Condestavel, — o encarregado da artilheria, como diriamos hoje, — «que era grande soldado e muito esperto», — pedíra calorosamente a Ruy Freire que o deixasse pelejar á vontade.

— «Por que maneira?» — perguntára lhe o General.

E o velho official explicára-lhe.

— «Que os inglezes, na primeira carga, se não haviam de chegar muito, por serem as suas naus cravadas com tornos de pao, e fracas á força de artilheria grossa, pelo que determinava trocar o peso das balas, e usar na primeira carga balas de 12 até 15 libras, e por muitas que haviam de caír dentro nas naus, vendo os inglezes não serem de muito damno, se chegariam mais perto, onde com balas grossas lh'o fariam muito grande.»

Tinha razão o homem, e Ruy Freire acquiescêra.

É claro que os inglezes tiveram de pagar, longa e duramente, a sua aprendizagem.

Só em 1610, para a sua sexta viagem oriental, tinham attingido a construcção de um navio de 1:100 tonelladas: a *Trades Increase*, festivamente lançada ao mar em Deptford, na presença de Jayme I, e que os javanezes tinham incendiado em 1613.

E muitos annos haviam de passar, ainda, até que o capitão Millet lhes fabricasse o primeiro *three-decker*, o primeiro barco de tres cobertas. — o *Loyall Merchand* (1660), precursor das suas futuras fortalezas navaes.

Como previra o Condestavel, as naus inglezas chegaram-se tanto aos nossos galeões — «que lhes vinham pondo a prôa».

Começou então a caír-lhes em cima, e a amarrotal as por todos os lados, um temporal desfeito de grossos pelouros, de — «balas enramadas, de grilhas, de balas de picão», — de balas presas por cadeia, ou por varão de ferro, de pelouros de ponta acerada: — toda a engenhosa ferramenta de carnificina e de destruição artilheira.

O mastro de traquete da *London*, segado por baixo da gavea, ruiu.

Caiu-lhe, tambem, a mezena, arrastando todo o chapitéu com a gente que o guarnecia, e — «botada á banda», — a soberba Capitanea ingleza procurou esforçadamente a salvação na fuga.

Para lhe cobrir a retirada, atravessára se outra nau, que Balthazar de Chaves, no seu *S. Lourenço*, investiu rijamente, desapparelhando-a tambem.

Mas o combate protrahia-se, renhido e incerto.

Todo o esforço dos inglezes era romper por entre os nossos, e tomar o porto que Ruy Freire, nem desbaratados, lhes quereria ceder.

A noite vinha caindo, começando a desconcertar os combatentes.

Sempre pelejando, e cerrando e defendendo a costa ás novas e desesperadas investidas dos inglezes, a armada surgiu finalmente no porto, ao passo que os inimigos mal resignados a fazer se na volta do mar, com receio das suas ricas sedas que os açulavam da terra, incendiavam a nau de Mascate, atirando-a sobre o *S. Pedro*, que miraculosamente se desenvencilhou da fogueira.

Abriu-se, pois, um pequeno compasso de espera na formidavel orchestra que todo o dia, — das cinco da manhã ás sete da tarde, — trovejára, ininterrupta e sinistra.

Alta noite, Ruy Freire embarcando n'um terraquim percorreu a armada.

Tiveramos, apenas, vinte e cinco mortes e quarenta e nove feridos, mas entre os primeiros contavam se dois que valiam por muitos: João Borralho, — um dos mais valentes capitães, e zeloso, que teve o Estado da India», — o que Ruy Freire, substituindo Gonçalo da Silveira, convidára para Almirante e capitão do *S. Martinho*, e Pedro de Mesquita, o capitão da rija urca, a *Conceição*.

Encontrando, n'esta ultima, eleito, sob o fogo, Manuel Ribeiro, o Geral confirmou-o no commando, e para substituir o João Borralho, nomeou Fernão Rebello — «capitão velho na India e mui valente soldado».

Querendo, porém, que o Borralho fosse sepultado com as honras que os seus serviços e o seu posto mereciam, mandou metter-lhe o cadaver n'uma pipa de sal, para o conservar até Ormuz.

Logo de madrugada, ao tiro de leva da Capitanea, desferrou a esquadra a procurar os inglezes, que lhe vinham, já. ao encontro, soberbamente empavezados.

Approximava-se, por barlavento, a *London*, já equilibrada; mas quando o *S. Pedro* arribava sobre ella, fez se inesperadamente na volta do mar, imitando a as outras, com as vélas cheias pela viração fresca da terra, pelo — «terrenho», — como se dizia a bordo.

Ficaram os nossos surpresos, e mais quando viram os inglezes voltar de novo rumo da terra, e de novo dar nos as pôpas.

De bordo de uma das naus, atirára-se ao mar um homem que nadando em direcção ao *S. Pedro* foi recolhido por elle.

Era um portuguez, dos aprisionados com a nau de Mascate, que deu interessantes informações a Ruy Freire.

Fôra grande o destroço dos inglezes. Morrêra-lhes — «o General», — o famoso capitão Shilling, mais tres capitães das naus, o piloto e o contramestre da Capitanea, da *London*.

Em summa, tinham tido setenta mortos e cento e vinte feridos.

Mas eram muitos; com basta artilheria; damnados pelo empenho de não perder as sedas, a primeira e consideravel factura por aquelle novo caminho, tão laboriosamente aberto, expedida de Ispahan, do interior.

Que diria o Xá?

Que diria a Companhia, o Rei Jayme, a Inglaterra?

Tentariam de noite, ardilosamente, ladeando ou illudindo cruzeiro portuguez, entrar no porto, receber os fardos. Ou então rompel o-iam desesperadamente; queimariam o ultimo cartuxo; poriam um ultimo esforço em nos metter no fundo.

Tinham reforçado as duas naus maiores com a melhor artilheria das outras, e em quanto estas procurassem divertir nos e dispensar-nos, lançar-se íam ellas atravez do bloqueio, destruindo os galeões.

Fallava verdade o foragido.

Shilling fôra morto.

O piloto, que o fôra, tambem, não era Baffin, o illustre e valente maniaco da passagem do Nordeste, que aliás uma bala portugueza havia de mandar, pouco depois, para a Eternidade, a ajustar contas com os nossos Cortereaes e Fagundes a descoberta do golfo americano, que conserva, impropriamente, o seu nome.

O destroço dos inglezes era grande, mas a cubiça das sedas damnava-os.

Ruy Freire podia, levantar ancora, offerecer-lhes de longe, commandante, em rolos de fumarada, a lição da contingencia das humanas riquezas.

Podia até deitar a mão ao feitor inglez, ou a alguns vassallos do Xá, seus fieis amigos, e pendural-os, tranquillamente, nas gaveas.

Estaria na rasão e no direito... da guerra e do tempo.

Muito provavelmente as naus deixal-o-íam em paz, recolhendo ao covil de Surrate.

Não o fez.

Durante doze dias se repetiu a scena: — avançavam os inglezes; íam-lhes na caça, os nossos; faziam-se elles na volta do mar, para arribar logo e fugirem de novo, cançando-nos a gente com levar e lançar ferros; tomar e largar vélas; arrumar e desarrumar a artilheria.

Os escriptores britannicos, apesar de terem nos seus archivos documentos insuspeitos, que con-

firmam a verdade da nossa tradição, geralmente desconhecem ou falseiam o episodio.

Até o meu amigo, podemos dizer: o nosso amigo Danvers, no seu bello *Report: Persia and Persian gulf records*, suppõe que a armada de Ruy Freire fôra refazer-se a Ormuz e voltára a Jasques: — *to Jask Roads*, — a travar novo combate.

Seria excusada a volta.

Os inglezes teriam recebido as sedas e ter-se-iam retirado.

Não queriam elles outra cousa.

Ruy Freire não cometteu esse erro.

Commetteu outro, maior.

Comprehendendo o jogo dos inglezes, acabou por se deixar ficar ancorado, recommendou a Francisco de Brito, um valente de Evora, que vigiasse e guardasse a costa e a bocca do rio para que elles não communicassem com a terra, e dispoz os navios para pelejar sobre ferro, contra o parecer do Mestre e do Condestavel, que se fartaram de prégar que a peleja, quando tivesse de havel-a, era fatal, fosse sob véla.

E aggravando a desastrosa idéa, fez amarrar as embarcações, atando dois viradores nas ancoras, recolhendo-os dentro pelas escotilhas das pôpas, passando logo amarra de navio a navio.

— «E d'este modo», — como diz o Chronista — «se enfeixaram, ficando o Almirante na rectaguarda.»

Era uma especie de molhe, de muralha fluctuante, de que o *S. Pedro*, n'um extremo, e o *S. Martinho* no outro, constituiam como que dois baluartes.

Fechava o porto, mas não podia mover-se, multiplicar-se, investir contra o mar.

Impacientes, os inglezes ensaiaram, em 7 de janeiro, — «ao saír do sol» — o derradeiro exforço.

— «Com vento tão brando que o mar se não bolia», — avançaram as duas maiores naus inglezas.

A *London* surgiu tão perto do *S. Pedro*, que quando quiz virar deu com a pôpa na prôa da nossa Capitanea.

Do outro lado, atacou esta, outra nau ingleza, talvez a *Eagle*.

Jogava furiosamente a artilheria, mas o *S. Pedro*, cortadas pelos balasios inimigos as amarras, caíu sobre o *S. Lourenço*, e a urca, que podendo desenvencilhar-se, com a falta de vento, só podia jogar com as peças de prôa, ao passo que na rectaguarda o *S. Martinho*, immobilisado, não podia empregar uma só bombardada, porque a empregaria nos companheiros.

E — «sem um bafo de vento» — que permittisse desfazer aquella trapalhada, por todo o dia se prolongou a desigual peleja, soffrendo grossas avarias os nossos.

Mas defendendo-se valorosamente, ao caír a noite, conseguiu desenrascar-se a armada, e sobrevindo tempo fresco, tomou outro aspecto a lucta, indo corridos para o mar todos os combatentes.

Esfuracados pelas bombardadas a que haviam estado, todo o dia, expostos, os nossos navios faziam muita agua e foi violenta a faina da instante e provisoria reparação.

Tiveramos cento e sessenta mortos e duzentos feridos.

Mais grave era ter ficado desamparado o porto; mas se os inglezes surgissem n'elle, encontrar-nos-iam, no dia seguinte, a embaraçar-lhes a saída.

Começára, porém, com a noite a desencadear-se um temporal medonho, que, durante cinco dias, fez correr-nos á matroca os navios, aggravando-lhes o destroço e extenuando a gente.

Era naturalmente um d'aquelles noroestes, — o *shimaul*, como lhe chamam os arabes, — que de outubro a julho revolvem rijamente o Golfo persico e o mar de Oman.

Quando abonançou o tempo, a nossa esquadra voltou sobre o Cabo de Jasques, mas os inglezes, tinham desapparecido, recolhendo açodadamente as suas ricas sedas, e enterrando, proximo da pequena povoação persa, o cadaver de Schilling.

No *Indian office*, ha nota de um documento que não tive tempo nem occasião de ver, dirigido de Jasques á Companhia, em 13 de janeiro de 1621, por Richard Blyth, Robert Swan, Christopher Brown e *William Baffin*.

Deveria ser o relatori o do combate, e os quatro os que assumiram o commando dos navios.

Richard Blyth é que tomaria o commando supremo.

Apparece-nos no anno seguinte, ali perto, como agente, mas no anno anterior encontrâmol-o na esquadra de Shilling e não tardará que o encontremos de novo, commandando contra nós mais numerosa esquadra.

Ruy Freire não soffréra, propriamente, uma derrota, mas o cruzeiro estava mallogrado e perdido, por aquelle anno.

A esquadra reentrou em Ormuz, tristemente, sem salvas, por mostra de sentimento pela morte do Almirante, o João Borralho, indo o respectivo galeão, o *S. Martinho*, empavezado e embandeirado de negro.

SANTA CATHARINA LEVADA PELOS ANJOS

O cadaver do prestigioso capitão foi solemnemente levado — «ao Carmo», — á igreja principal, e lá enterrado.

Os feridos distribuiram se por casas particulares de — «casados da terra», — e pelo Hospital — «que era o de maior limpeza, provimento e piedade que havia em toda a India», — diz a Chronica.

Mas que tem tudo isto com o nosso documento?

Tem tudo.

— «O negocio» — de Jasques foi apenas o desenfadado *levantar do panno* da grande, da estrondosa tragedia.

Os persas, como os potentados da India, sabiam aproveitar-se excellentemente das brigas dos europeus.

Comprehendendo o aperto dos inglezes, o Khan de Xirás, ou como diziam os nossos: o *Cão* de Xirá (á ingleza: *Shiras*) retivera a cafila das sedas, quando atravessava o Moghistan, acabando por embargar formalmente o embarque em Jasques, sem que primeiro, por expressa convenção, os inglezes se obrigassem a ajudar os persas a expulsar-nos de Ormuz.

Os escriptores britannicos, — e ainda os nosso illustre amigo Sr. Danvers, — passando rapidamente por este episodio, — que aliás não havia de ser unico no genero, — disfarçam-n'o e attenuam-n'o, naturalmenta.

Fazem-n'o, por certo, de boa fé, n'um sentimento generoso, pudico.

Mas fazem mal.

A triste convenção, — triste ou immunda, pois que é um verdaddiro assalariamento a dinheiro, uma conjuração de rapina, produziu effeitos que ficaram assignalados, fortemente, na Historia.

E existe.

Com prazer o digo: á imparcialidade e á gentileza britannica devo poder hoje provar, com o proprio documento na mão, que disseram a verdade, nua e crua, os nossos chronistas nesciamente malsinados, tantas vezes, de exaggerados ou suspeitos.

Sempre me parecêra!

Luciano Cordeiro.

Recebemos e agradecemos:

Batalhas da India — Como se perdeu Ormuz. *Processo inedito do seculo* XVII, por Luciano Cordeiro. Lisboa, Imprensa Nacional. Um volume de 296 pag. in-8.º grande, sendo 129 paginas de documentos e precedido de 15 paginas de frontispicio, dedicatoria e introducção, ornado de vinhetas originaes e desenhos do sr. João Vaz. Publicado pela Commissão Executiva do Centenario da India, revertendo o producto da sua venda em beneficio da celebração nacional do centenario. Nas vésperas da commemoração de tão util quanto glorioso facto como o da descoberta do caminho da India, vem este livro recordar glorias de que foi theatro o grande imperio fundado por Affonso d'Albuquerque.

A perda de Ormuz andava ainda envolvida em sombras que o livro do sr. Luciano Cordeiro vem dissipar, restabelecendo quanto possivel a verdade historica O sr. Luciano Cordeiro explica, no prologo do livro, como lhe vieram ás mãos os elementos para restabelecer essa verdade, o que se deve, sem duvida, á sua muita dedicação pelo estudo da historia das nossas colonias, que não o preoccupa menos que muitos outros assumptos que constantemente está dando á publicidade com extraordinaria actividade, a despeito de toda a indolencia do publico, ou mesmo indifferença para estas leituras.

E, comtudo, que paginas brilhantes se nos deparam n'este livro, como as da *Batalha de Jasques* que os nossos leitores poderão apreciar em outro logar do nosso periodico! Pelo excerpto que publicamos se póde conhecer o valor do livro *Batalhas da India*.

Chámamos a attenção dos nossos leitores para este livro, que, como dissemos, é publicado pela Commissão Executiva do Centenario da India e o producto da venda applicado em beneficio da celebração nacional do Centenario.

Portugal Velho — *Anno I — N.º* 17 *Lisboa* 17 *de outubro 1896*.

Reappareceu este jornal legitimista cuja direcção pertence ao sr. Carlos Sertorio, e cuja publicação estava sustada de ha tempo. Pelo numero dos seus collaboradores, todos geralmente conhecidos e pela politica que segue o *Portugal Velho*, deve merecer justo apreço e desfructar longa vida o que sinceramente lhe desejamos

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39